

Yukio Mishima

NEVE DE
PRIMAVERA

tradução e notas de
Tânia Ganho

LIVROS DO BRASIL

Sempre que, na escola, a conversa se virava para a Guerra Russo-Japonesa, Kiyooki Matsugae perguntava ao seu amigo mais chegado, Shigekuni Honda, que recordações guardava dessa época. As memórias de Shigekuni eram difusas: lembrava-se muito vagamente de uma vez o terem levado ao portão para ver uma procissão de archotes. No ano em que a guerra acabou, tinham ambos onze anos e Kiyooki achava que deviam ser capazes de se recordar dela com um pouco mais de clareza. Os colegas que falavam com tanto conhecimento da guerra estavam, na sua maioria, simplesmente a romancear umas recordações incertas, acrescentando-lhes pormenores soltos que tinham apanhado dos adultos.

Dois membros da família Matsugae, tios de Kiyooki, haviam sido mortos. A sua avó ainda recebia uma pensão do governo, graças a esses dois filhos que perdera, mas nunca usava o dinheiro; deixava os envelopes por abrir na prateleira do santuário doméstico. Talvez por isso a imagem que mais impressionava Kiyooki, de entre a coleção inteira de fotografias da guerra que existia em casa, fosse uma que se chamava «Arredores do Templo Tokuri: Cerimónias de Homenagem aos Mortos da Guerra», datada de 26 de junho de 1904, o trigésimo sétimo ano da Era Meiji¹. Essa fotografia, impressa em tinta sépia, era muito diferente das habituais

¹ Era Meiji, também conhecida como Era do Progresso Japonês, foi o período que decorreu entre 1868 e 1912 e que pôs fim ao regime feudal assente no xogunato (os xoguns eram proprietários de terras e chefes militares, aos quais respondiam os guerreiros samurais); o poder passou para as mãos da família imperial e o país abriu-se ao Ocidente, sofrendo um processo muito acelerado de industrialização e modernização, que passou pela reforma agrária, construção de caminhos de ferro, promulgação da primeira Constituição, criação de universidades e da moeda japonesa (o iene), uniformização da língua, entre outras medidas que elevaram o Japão à categoria de potência mundial. A Guerra Russo-Japonesa foi travada durante este período.

recordações caóticas da guerra. Fora composta com uma sensibilidade de fotógrafo atento à estrutura: dava a sensação de que os milhares de soldados presentes tinham sido dispostos de maneira propositada, como figuras num quadro, por forma a canalizar toda a atenção do observador para o alto cenotáfio de madeira em bruto entre eles. Ao longe, as montanhas descreviam um suave pendor na bruma, erguendo-se numa gradação discreta do lado esquerdo da imagem, afastando-se da vasta planície aos seus pés; à direita, fundiam-se, ao fundo, com aglomerados dispersos de árvores, desaparecendo no pó amarelo do horizonte. E aí, em vez de montanhas, via-se uma fileira de árvores que se tornavam mais altas à medida que o olhar se deslocava para a direita; o céu amarelado surgia nas brechas entre elas. Seis árvores imponentes postavam-se a intervalos graciosos em primeiro plano, cada uma delas posicionada de forma a complementar a harmonia geral da paisagem. Era impossível identificar a sua espécie, mas os pesados ramos cimeiros pareciam vergar-se ao vento com trágica majestuosidade.

A longa extensão de planície brilhava suavemente; do lado de cá das montanhas, a vegetação era rasteira e desolada. A meio do retrato, diminuto, erguia-se o singelo cenotáfio de madeira e o altar com flores, o seu pano branco torcido pelo vento.

Quanto ao resto, não se via mais nada a não ser soldados, milhares de soldados. Em primeiro plano, estavam virados noutra sentida que não o da câmara, mostrando as proteções brancas dos bonés que lhes cobriam a nuca e as tiras de couro que lhes atravessavam as costas na diagonal. Não formavam fileiras ordenadas, estavam reunidos em grupos, de cabeça baixa. Um mero punhado, no canto inferior esquerdo, tinha o rosto escuro meio virado na direção da câmara, como figuras num quadro renascentista. Mais atrás, uma série de soldados estendia-se num enorme semicírculo até aos confins da planície, tantos homens que era impossível distingui-los uns dos outros, e havia mais, agrupados ao longe, entre as árvores.

As figuras destes soldados, quer em primeiro plano, quer ao fundo, estavam imersas numa estranha meia-luz, que lhes delineava o contorno

das polainas e das botas e destacava as curvas dos ombros e as nuças. Essa luz imbuía toda a imagem de uma indescritível sensação de sofrimento.

Destes homens emanava uma emoção tangível, que se despenhava numa onda contra o pequeno altar branco, as flores, o cenotáfio central. Desta enorme massa que se estendia até à orla da planície, brotava um só pensamento, para lá de qualquer capacidade humana de expressão, pesando sobre o centro como um grande anel de ferro maciço.

Tanto a sua idade como a tinta sépia tingiam a fotografia com uma atmosfera de infinita pungência.

Kiyoaki tinha dezoito anos. Nada na casa onde nascera justificava o facto de ser tão sensível, tão propenso à melancolia. Seria difícil encontrar, naquela mansão caótica construída num terreno elevado, perto de Shibuya, alguém que partilhasse minimamente a sua sensibilidade. Tratava-se de uma velha família samurai, mas o pai de Kiyoaki, o marquês Matsugae, embaraçado com a posição humilde que os seus antepassados tinham ocupado até ao final do xogunato, uns meros cinquenta anos atrás, mandara o rapaz, em tenra idade, viver para casa de um nobre da corte. Se não o tivesse feito, Kiyoaki provavelmente não se teria tornado um jovem tão sensível.

A residência do marquês Matsugae ocupava um vasto terreno para lá de Shibuya, nos arredores de Tóquio. Os muitos edifícios espalhavam-se por mais de quarenta hectares, os seus telhados erguendo-se em empolgante equilíbrio. A casa principal era de arquitetura japonesa, mas, num canto do parque, erguia-se uma imponente casa de estilo ocidental, projetada por um inglês. Dizia-se que era uma de quatro residências no Japão — sendo a do marechal Oyama¹ a primeira — em que se podia entrar sem tirar os sapatos da rua.

A meio do parque, estendia-se um grande lago contra o pano de fundo de uma colina coberta de áceres. O lago era suficientemente grande para

¹ Príncipe Oyama Iwao (1842-1916), um dos fundadores do Exército Imperial Japonês; construiu uma casa em Tóquio inspirada num castelo alemão.